

ARTESANATO COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA PARA TRABALHAR AS RELAÇÕES DE GÊNERO COM MULHERES CAMPONESAS DA REFORMA AGRÁRIA

CARLA NEGRETTO¹; MÁRCIA ALVES DA SILVA²

¹Discente do Curso de Pedagogia UFPel / Bolsista Probec / ka_karlynha10@hotmail.com

²Profa. da Faculdade de Educação / Orientadora – profa.marciaalves@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho é resultado de um projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas denominado “*Trabalho Artesanal com Mulheres do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)*”. O projeto atende três grupos de mulheres da reforma agrária localizados na zona rural da cidade de Pinheiro Machado/RS, que são os Assentamentos Campo Bonito, Pinheiro Machado e Alegrias, totalizando 28 mulheres participantes.

Nosso objetivo é oferecer oficinas de Artesanatos Populares como uma nova alternativa de trabalho, auxiliando dessa forma também no processo de empoderamento e emancipação financeira das participantes e, conseqüentemente, nesse mesmo ambiente de aprendizagem e produção abordar assuntos sobre as relações de gênero, o papel da mulher no mundo e a importância do movimento social MST na comunidade. Dessa forma, o projeto se constitui num espaço de formação das mulheres assentadas participantes, tendo como objetivo o empoderamento dessas sujeitas.

2. METODOLOGIA

As oficinas de artesanato organizam-se em 3 Assentamentos da Reforma Agrária - Campo Bonito, Pinheiro Machado e Alegrias. Há mais de 3 anos estamos inseridas nos grupos ajudando a construir um movimento autônomo, democrático, popular, feminista e de classe. Nesse período, nos organizamos em oficinas mensais que acontecem pelo menos 1 vez por mês em cada assentamento participante. O projeto vem acompanhando a luta e conquistas do reconhecimento da profissão de trabalhadora rural e artesã, o salário maternidade, a aposentadoria da mulher da roça aos 55 anos, entre outros. A luta continua nas questões por saúde de qualidade, pela construção de novas relações sociais e de gênero, por políticas públicas que atendam aos interesses das camponesas e camponeses e pelo fim de todas as formas de violência e opressão.

Nossa metodologia de trabalho sustenta-se na perspectiva da educação popular baseada na obra de Paulo Freire, compreendendo que o aprendizado é algo dinâmico e construído coletivamente. É por isso que a escolha das técnicas a serem trabalhadas nas oficinas são escolhidas coletivamente pelas próprias participantes, que tentam ver uma chance de lucro e sustentabilidade através de artesanatos confeccionados com materiais derivados tanto de sucatas naturais, quanto de sucatas industrializadas. A sucata natural constitui-se de sementes, palhas, pedras, conchas, folhas, penas, galhos, pedaços de madeira, areia, terra etc. A sucata industrializada ou realia, inclui todos os tipos de embalagens, copos plásticos, chapas metálicas, tecidos, papéis, papelões, isopor, caixas de ovos etc.

As técnicas oferecidas nas oficinas, dão à chance às participantes de

adquirirem um mundo rico de experiências nos diferentes tipos de artesanato popular. Entre elas podemos destacar a pintura em tecido e em MDF, a cestaria em jornal, o artesanato com EVA, com garrafas PET, com tecido, com palha de milho, o biscuit, a decoupage, entre outras. As peças confeccionadas dão origens a cestas, baleiros, caixa para remédios, porta guardanapos, porta joias, potes para condimentos, casinhas para passarinhos, enfeites para eletrodomésticos, chaveiros, sachês, tiaras, flores, vasos, tapeçaria com malha etc.

O artesanato é nossa ferramenta metodológica para trabalhar as relações de gênero e tem por objetivo reconstituir uma cultura humana que acolha, transforme e cuide da vida da mulher camponesa.

Assim sendo, trabalhamos com o artesanato para:

- Valorização e libertação da mulher camponesa;
- Lutar contra exploração, contra violência, contra discriminação e dominação;
- Despertar a necessidade de lutar pela dignidade e direitos da mulher;
- Criar a necessidade da organização e de autonomia;
- Combater o machismo e despertar para a necessidade de construção de novas relações de igualdade;
- Respeitar a história de luta, a diversidade cultural, as experiências construídas.
- Relação e defesa da natureza, das sementes, biodiversidade...

Esse conjunto de orientações de nossos encontros são expressados, vivenciados e construídos permanentemente nos diferentes momentos de nossas oficinas, por meio de debates, filmes e palestras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossa tentativa é utilizar-se de oficinas de Artesanato Popular primeiro como uma alternativa de trabalho e gerador de renda, em segundo lugar como uma ferramenta metodológica para trabalhar as relações de gênero reafirmando a luta pela igualdade de direitos e pelo fim de qualquer forma de violência, opressão e exploração praticada contra a mulher e a classe trabalhadora. Para dar conta do processo de formação e construção de conhecimento na área de gênero, o projeto além de ofertar cursos de capacitação profissional de Artesanato Popular também investe em debates, palestras e filmes. O conceito de divisão sexual do trabalho (KERGOAT, 2003; HIRATA & KERGOAT, 2007) tem se constituído no referencial teórico que possibilita a abordagem das trajetórias de gênero e trabalho feminino, enquanto o referencial das histórias de vida, especialmente de Ferrarotti (2014) e Josso (2004) buscam dar conta das narrativas das envolvidas. Dessa forma, cria-se um espaço coletivo que fortalece as mulheres no sentido de problematizar o contexto que elas vivem, buscando de forma coletiva a autonomia de gênero.

O que analisamos com mais destaque em nossa pesquisa, são narrativas das participantes sobre a sua vida cotidiana, que se resume ao cuidado da casa, dos filhos e a ajuda prestada ao marido, muitas vezes de forma automática e sem reconhecimento, pois *“(...) está tornando-se coletivamente “evidente” que uma enorme massa de trabalho é realizado gratuitamente pelas mulheres, que este trabalho é invisível, é feito não para si, mas para os outros e sempre em nome da natureza, do amor e do dever maternal”* (HIRATA, 2000, p.02).

Vejamos o caso da Assentada que chamaremos aqui, pelo nome fictício de Dora. Dora tem 23 anos, casada e mãe de 2 filhos, uma menina de 3 anos e um

menino de 2 anos de idade. Dora tem muita dificuldade em se concentrar nas oficinas pois as crianças demandam muito de sua atenção. Ela relata que se sente cansada e sem ânimo devido a quantidade de atividade doméstica e o tempo dedicado no cuidado com os filhos. Não foi perguntado a Dora se, seu marido ajudava no cuidado com os filhos, até porque era visto que não. Caso contrário ele estaria cuidando das crianças enquanto ela participava de um momento de formação, já que este, conforme tomamos conhecimento, se encontrava em casa gozando do pleno descanso. São esses exemplos de relatos que merecem nossa atenção, pois estes vêm como forma de apelo e busca através de nossos encontros soluções para resolver os impasses conjugais causados pela falta da divisão sexual do trabalho doméstico influenciado historicamente pelo machismo que é disseminado pelo gênero masculino como biologicamente natural.

4. CONCLUSÕES

O propósito deste trabalho foi trazer reflexões para as práticas pedagógicas no processo de discussão e elaboração dessas oficinas de artesanatos populares e na formação de lutas, contribuindo significativamente para o debate interno sobre a necessidade e os desafios de aprofundar a luta feminista nestes espaços.

Já é possível notar por meio das narrativas das participantes e das observações realizadas pela equipe que essas mulheres agricultoras estão construindo passo a passo uma nova perspectiva de libertação da mulher camponesa do atraso ao acesso a informação e formação. Esta constatação representa uma conquista e nos leva a concluir que apesar das dificuldades elas poderão construir um novo modelo social na comunidade da qual fazem parte, instruindo novas mulheres, jovens e adolescentes nesse processo de trabalho artesanal, emancipação e empoderamento feminino.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida**: o método biográfico nas Ciências Sociais. Natal: EDUFRN, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HIRATA, Helena. **Dictionnaire critique du féminisme**. ed. Presses Universitaires de France. Paris, novembro de 2000. Traduzido por Miriam Nobre em agosto de 2003.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: EMÍLIO, Marli; et al (orgs.). **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres**: desafios para as políticas públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p.55-63.